



INSPIRAÇÃO... DEUS e os resíduos (P. Carlos Azevedo Mendes)

1. Há uns anos usei dez dias de férias para ir passear para o Gerês com um pequeno grupo de amigos. A ideia era ter tempo para nos extasiarmos com as paisagens e sobretudo observarmos animais. A actividade foi um sucesso e ainda hoje me lembro dela com entusiasmo. Todavia houve uma particularidade nesse passeio que me perturbou: recordo que – após cinco dias longe de tudo, a comermos pão duro e conservas – nos aproximámos de uma aldeola perdida para ter uma refeição mais a sério e deparámo-nos com uma lixeira! Quero dizer que a povoação estava lá, só que era um exagero de lixo à sua volta, no chão, nos caminhos, engalanando as paredes das casas. Como é que uma aldeia, que até era bonita e estava num sítio tão paradisíaco, conseguia apresentar-se estragada daquela maneira?!

Pensei depois que a razão estaria no conservar do gesto milenar de deitar fora, para que os animais que passeavam pela terra se encarregassem de eliminar esses lixos. Até há pouco tempo as coisas funcionaram porque o que se deitava para a rua eram produtos sobretudo de base orgânica. Os problemas começaram a surgir quando as embalagens de plástico fizeram a sua entrada e as de metal se começaram a multiplicar. Os animais não se interessavam por essas novas variedades de lixos, pelo que elas iam ficando ... e acumulando-se.

E a bonita aldeola pouco a pouco foi-se transformando num inferno.

2. Isto leva-nos a uma imagem que o próprio Jesus utilizou. O comparar o inferno a uma lixeira.

Se a tua mão direita for para ti origem de pecado, corta-a e deita-a fora. Porque é melhor perder-se um só dos teus membros, do que todo o teu corpo ser lançado à Geena. (Mt 5, 30);

Quem se irritar contra o seu irmão (...) e lhe chamar «louco» será réu da Geena do fogo. (Mt 5, 22).

Mas o texto mais tardio – Gn 1, - permite-nos ter uma perspectiva complementar:

No princípio Deus criou os céus e a terra (...)

Deus disse: «Faça-se luz». E a luz foi feita (...). Foi o primeiro dia.

Deus disse: «Haja um firmamento (...).» E assim aconteceu. (...) Foi o segundo dia.

Deus disse: «Reúnam-se as águas sob o céu num único lugar a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu. (...)

Deus disse: «Que a terra produza verdura (...).» E assim aconteceu. Foi o terceiro dia.

Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento (...).» E assim aconteceu. (...) Foi o quarto dia.

Disse Deus: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos e que as aves voem sob o firmamento dos céus». E assim aconteceu (...). Foi o quinto dia.

Disse Deus: «Que a terra produza seres vivos (...).» E assim aconteceu (...).

Disse Deus: «Façamos o homem à Nossa imagem, à Nossa semelhança (...).»

Disse-lhes Deus: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra». (...) E assim aconteceu. (...) Foi o sexto dia.

Foram assim terminados os céus e a terra e todo o seu conjunto. Concluída no sétimo dia toda a obra que havia feito, Deus repousou no sétimo dia do trabalho põe Ele realizado. Abençoou o sétimo dia e santificou-o. (...)

Esta é a origem e a história da criação dos céus e da terra.

Sintetizei bastante o texto, para não me alargar em excesso. Gostava de sublinhar três aspectos:

- Ao contrário de Gn 2, aqui o homem é a última obra criativa de Deus. Em Gn 2, Deus começa a criação por aquilo que mais quer: o homem. Só depois vai criar a terra para o colocar.

Em Gn 1, a lógica é a mesma, mas a estratégia diversa: o que Deus mais quer, o homem, é a última coisa que cria. Antes vai formar a terra e toda a exuberância de vida que comporta, para depois criar o homem e pô-lo lá, como o creme sobre o bolo. (Não a cereja cristalizada, como veremos adiante...)

- Agora não se fala de cultivar e guardar, mas de dominar. E esta mudança de verbos que exprimem a função do homem na terra pode levantar algumas confusões. É que, na nossa linguagem, dominar significa exercer o domínio [de *dominus* (= senhor)], a autoridade do senhor, do dono.

Contudo vamos já ver que este dono é Deus e não o homem e que, portanto, este domínio é para ser exercido em nome de outrem, em nome do verdadeiro Senhor e não do homem.

- O sétimo dia traz aqui algo de substancialmente novo: a obrigação de haver um dia em que não se deve trabalhar.

(É bom compreender isto face ao que o povo hebreu já praticava na época em que este texto é composto: o sábado, o sétimo dia, vivido como um dia diferente, feito para não trabalhar a fim de haver tempo para louvar o Criador. A azáfama do quotidiano já naqueles dias impedia as pessoas de poderem parar e terem tempo para se encontrarem com Deus. Pois bem, não há desculpas, têm o sábado, um dia de louvor e de reencontro com o Autor da vida.)

Ora, se o homem é a última obra criada, o sétimo dia é a última palavra criativa de Deus e tem honras que o homem não tem. É santificado! Significa que é o sábado que dá sentido a toda a criação, e que sem este dia, vivido especialmente para o Senhor, todas as outras obras criativas, por mais bonitas que sejam, estão vazias. O sétimo dia serve para o homem parar o seu trabalho e contemplar o Criador a partir das Suas obras. Isto equivale a reconduzir a Ele tudo o que existe, equivale a reconhecer em Deus o senhorio da criação.

Então estamos agora em condições de perceber que tipo de domínio o homem deve ter sobre a natureza: o de velar pelos interesses do verdadeiro dono e o de agir em Seu nome. Sem o sábado o homem correria o risco de se apropriar da criação, de perder o sentido de tudo o que existe em seu proveito pessoal.

Esta reflexão a partir do livro do Génesis tem algo a ver com os resíduos? Parece-me que sim, já que tem a ver com o modo como o homem age na natureza. E não é possível arregaçar as mangas para encarar o problema dos resíduos que vamos produzindo, sem ter connosco esta proposta de nos comportarmos em harmonia com a tarefa que Deus nos deu: cultivar, guardar e agir como Deus agiria naquilo que com tanto amor criou para nós.